



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIENCIA E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE AGRONOMIA**

**A FLORA ARBÓREA ARBUSTIVA DO MUNICÍPIO DE
SERRA NEGRA DO NORTE**

FRANCISCO GOMES DE ALENCAR FILHO

**Orientador: PATRÍCIO BORGES MARACAJÁ
Co-Orientador: RAFAELA ALVES PEREIRA**

**POMBAL – PB
2011**

FRANCISCO GOMES DE ALENCAR FILHO

**A FLORA ARBÓREA ARBUSTIVA DO MUNICÍPIO DE
SERRA NEGRA DO NORTE**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Campina Grande, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Agronomia.

Orientador: Patrício Borges Maracajá
Co-Orientador: Rafaela Alves Pereira

POMBAL – PB
2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL
CAMPUS POMBAL/UFCG**

A36f8 Alencar Filho, Francisco Gomes de.

Flora arbustiva-arbórea no município de Serra Negra do Norte-RN / Francisco Gomes de Alencar Filho – Pombal/PB : UFCG, 2011.

28f.

Monografia (Graduação em Agronomia) – UAGRA/
CCTA/UFCG.

Orientador Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá.

1. Fitosociologia. 2. Flora arbórea-arbustiva. 3. Caa-
tinga. I. Título.

CCTA/UFCG

CDU 581.5(813.2)(043)

FRANCISCO GOMES DE ALENCAR FILHO

A FLORA ARBÓREA ARBUSTIVA DO MUNICÍPIO DE SERRA NEGRA DO NORTE

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Campina Grande, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Agronomia.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Orientador – Prof. D. Sc. Patrício Borges Maracajá
UAGRA – CCTA – UFCG

Prof^a. D. Sc. Rosilene Agra da Silva
UAGRA – CCTA – UFCG

Prof. Almair de Albuquerque Fernandes
EMSAL/PM de Condado - PB

Prof. Caetano José de Lima
IFPB - SOUSA

POMBAL – PB
2011

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Maria do Socorro Dantas Alencar e Francisco Gomes Alencar, e a minha irmã Mayara Gomes Dantas.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por está comigo em todos os momentos da minha vida, que com a sua mão me ergueu quando sempre precisei, e com seu braço amigo me encorajou até o final.

Aos meus pais **Maria do Socorro Dantas Alencar (Mãe)** e **Francisco Gomes (pai)**, e minha irmã **Mayara Gomes Dantas**, obrigado pela atenção, respeito, carinho, compreensão e ensinamentos da vida; Amo vocês, e agradeço a Deus por vocês existirem em minha vida.

Ao meu tio **Gilvani Braz Dantas** e sua esposa **Neritônia** e seu filho **Rodrigo** pela receptividade na sua residência na fazenda Diniz na época da coleta de dados da monografia;

Aos meus avós maternos **Geralda** e **Nazareno** por me acolher em sua casa nos finais de semana no decorrer do curso, amo vocês.

Aos meus tios maternos **Gilvan, Gilbraz, Geovani, Gilmarcos, Francisco Dantas, Sebastião** e **Adriana**;

A **Rebeka Cláudia** por ter muita paciência e está meu lado no final do curso;

Aos amigos **Francisco Arcanjo, Ricardo Dantas, Felipe Quirino, João Leite Filho** e meu primo **Thales** que sempre estiveram comigo, me apoiando em todos os momentos, dando-me força para alcançar meus ideais;

Aos colegas **Diego Passos dos Santos, Vicente de Paula Pires Queiroga** (acadêmico de agronomia) companheiros de todas as horas;

A **Rafaela Alves pereira** por ter me ajudado no tcc;

Aos meus colegas de turma com quem convivi durante toda minha vida acadêmica, pela amizade e trocas de experiências;

À **Faculdade de Agronomia de Pombal - FAP** por me fornecer os primeiros ensinamentos sobre agronomia;

A **Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Pombal**, pelo o apoio institucional, pela oportunidade de aprendizado e por me conceder a conclusão do meu sonhado curso de Agronomia;

A todos que fizeram e fazem parte da família **UFCG - Campus de Pombal**;

A **Secretária de Agricultura e Abastecimento de Pombal - PB** por proporcionar meu estágio, meus agradecimentos;

Aos meus queridos e inesquecíveis professores por terem sido fundamentais para minha formação acadêmica, ampliando minhas expectativas, permitindo-me prever um futuro próspero;

Ao professor **Dr. Patrício Borges Maracajá**, pela orientação, paciência, determinação e confiança no desempenho deste trabalho;

Aos examinadores, pelas valiosas sugestões dadas a este trabalho;

A todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho.

Muito Obrigado!

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1. Número de plantas amostradas.....	17
Tabela 2. Número de Famílias e espécies estudadas.....	18
Tabela 3. Famílias e respectivas freqüências de plantas encontradas em dois ambientes na Fazenda Diniz no Município Serra Negra do Norte – RN, (UAGRA-2011).....	19
Tabela 4. Relação das espécies encontradas, freqüências de plantas nos dois ambientes estudados ¹ e o número de parcelas em que os mesmos ocorrem: Serra Negra do Norte- RN, 2007.....	20

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1. Aspectos gerais sobre o bioma Caatinga.....	13
2.2. Levantamentos florístico.....	14
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	15
3.1. Caracterização da área de estudo.....	15
3.2. Coleta de dados.....	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
4.1. Análise Florística dos Ambientes Estudados.....	17
4.1.1. Número de Indivíduos Amostrados.....	17
4.1.2. N° de famílias e Espécies Estudadas.....	17
4.1.3. Famílias levantadas nos ambientes estudados.....	18
4.1.4. Espécies levantadas no trabalho.....	19
5.CONCLUSÕES.....	22
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

RESUMO

A Caatinga é uma vegetação de ocorrência exclusivamente brasileira e tipicamente nordestina e estudos sobre a sua composição florística e fitossociológica são requisitos indispensáveis para entender o comportamento, distribuição e estrutura dessa vegetação fornecendo subsídios para a elaboração de planos de manejo florestal sustentável e o estabelecimento de áreas prioritárias a conservação desse bioma. O presente trabalho foi realizado com o objetivo de levantar informações de natureza florística e fitossociológica de uma área de Caatinga localizada na Fazenda Diniz, situada no município de Serra Negra, estado do Rio Grande do Norte. Para realização desse estudo utilizou-se unidades amostrais constituídas de parcelas permanentes medindo 10 m x 20 m, sendo 12 parcelas nas áreas de preservação e outras 12 nas áreas raleadas e rebaixadas (para o uso de criação de animais) distribuídas aleatoriamente. No total do levantamento foram identificadas 11 famílias e 15 espécies. A área que apresentou a maior diversidade de espécies foi a de conservação (ambiente II).

Palavras-chave: caatinga, Composição florística, Diversidade.

ABSTRACT

The savanna is the vegetation with occurrence exclusively Brazilian and typically in Northeast and studies about their floristic and phytosociological composition are requirements for understanding the behavior, distribution and structure of vegetation providing subsidies for the development of sustainable forest management plans and the establishment of priority areas for the conservation of this biome. This work was carried out in order to gather information from floristic and phytosociological nature of an area located in the Caatinga located in the Diniz Farm, situated in the city of Serra Negra do Norte, Rio Grande do Norte. To perform this study it was used sampling units consisting of permanent plots measuring 10 mx 20 m, 12 plots in conservation areas and other areas 12 and recessed thinned (for use in animal husbandry) randomly distributed. In total the survey identified 11 families and 15 species. The area had the highest species diversity was the conservation (environment II).

Keywords: savanna, floristic composition, diversity.

1 INTRODUÇÃO

A região Nordeste do Brasil ocupa aproximadamente 1.600.000 km², o equivalente a cerca de 18% da superfície do Brasil, estando nesta área, inserida a região semiárida, que segundo IBGE (2010), ocupa cerca de 1.000.000 km², correspondendo a aproximadamente 62% da região Nordeste e 13% do território brasileiro.

A importância desse bioma para a população brasileira, em especial a nordestina, não resulta apenas da sua extensão territorial, mas também do fato que ele é considerado como um importante centro de biodiversidade, apresentando inúmeras espécies endêmicas. De acordo com Juncá et al. (2005), a sua vegetação é caracterizada pela predominância de herbáceas, árvores e arbustos baixos que, na maioria, são profusamente ramificados e frequentemente espinhosos com folhagem decídua na estação seca. Tal vegetação apresenta ainda, formas de vida peculiares como cactos colunares, globulosos e bromélias terrestres.

Dos grandes domínios florísticos-vegetacionais brasileiros, o da Caatinga nordestina é um dos mais desconhecidos apresentando variações fisionômicas e florísticas que se manifestam como produtos da evolução, traduzidas em adaptações e mecanismos de resistência ou tolerância às adversidades climáticas sendo que, o principal fator que determina a existência da Caatinga são os fatores climáticos do semiárido, em especial a precipitação (ALCOFORADO-FILHO et al., 2003; ANDRADE-LIMA, 1981; RODAL et al., 1992; PEREIRA, 2000).

Nessa região, o regime de precipitação é altamente variável, entre os diferentes anos, como também, durante a estação de chuvas a cada ano (Sampaio, 1995). Essas flutuações climáticas sazonais que ocorrem no semiárido influenciam na vegetação da caatinga, já que o clima dessa região submete às plantas a elevada deficiência hídrica e grande evapotranspiração, devido dentre outros fatores à baixa pluviosidade. Diante dessa situação as plantas desencadearam algumas particularidades de variações fisiológicas e comportamentais ao longo da evolução, garantindo melhor adaptação em aquisição de recursos do ambiente (Freire et al., 2003).

Segundo Puchalski *et al.* (2006), o reconhecimento das características do ambiente onde uma espécie ocorre pode colaborar na compreensão da sua autoecologia, já que fatores ambientais, tais como as condições do clima e do solo, influenciam no desenvolvimento das espécies.

Segundo Filho (1992), até a época do descobrimento (1500), o Nordeste dispunha de uma vegetação bastante pungente e que atualmente encontram-se áreas completamente devastadas. Relata ainda que a destruição das florestas mudou as condições climáticas locais que evoluíram para um tipo de desertificação somente o visto no continente africano. A ação antrópica tem causado grandes perdas econômicas e ambientais, e por isso se faz necessário à mudança do curso dos acontecimentos.

Na atualidade, estima-se que cerca de 45% do total de área de caatinga da região nordeste sofreu pressão antrópica. Segundo Drumond *et al.* (2000), a caatinga apresenta cerca de 15% de áreas já desertificadas. Mesmo levando em consideração a sua extensão que é a terceira maior do Brasil, os percentuais de áreas de caatinga alteradas pelo homem ultrapassam os valores registrados em todos os outros domínios.

Ultimamente já se tem observado certa preocupação com o bioma caatinga, quanto a sua diversidade vegetal, ocasionando aumento de levantamentos florísticos e fitossociológicos, permitindo monitorar as eventuais alterações na estrutura da vegetação, além de fornecer conhecimento sobre o bioma (Santana, 2005).

Para que se possam executar projetos de conservação e planos de manejo sustentável na Caatinga é necessário que se conheça a vegetação da área de interesse, suas limitações e sua capacidade de resiliência. Sendo assim, o presente trabalho foi realizado com o objetivo de estudar a composição florística do estrato arbustivo-arbóreo e o comportamento da estrutura fitossociológica de dois ambientes de caatinga submetidos a dois níveis de antropismo: (uma mata raleado-rebaixada para pastoreio e uma área não antropizada) visando a obter informações para futuras ações de conservação ambiental.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos gerais sobre o bioma Caatinga

O Brasil apresenta uma grande biodiversidade em sua fauna e flora, com muitas espécies endêmicas distribuídas nos distintos domínios brasileiros. O domínio da caatinga, por exemplo, destaca-se por ser o único ecossistema exclusivamente brasileiro, composto por um mosaico de florestas secas e vegetação arbustiva (savana-estépica), com enclaves de florestas úmidas montanas e de cerrado (TABARELLI e SILVA, 2003).

A caatinga é a vegetação predominante na região Nordeste, cobrindo 54,53 % dos 1.548.672 km² da área da região (IBGE, 2005). Compreende uma área aproximada de 800.000 km², sendo o terceiro maior ecossistema brasileiro, representando 70% da região nordeste e 11% do território nacional (CASTELLETTI et al., 2003).

De acordo com Andrade et al. (2005), o bioma está compreendido entre os paralelos de 2° 54' S a 17° 21' S distribuindo-se, segundo Prado (2003) pelos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, a maior parte da Paraíba e Pernambuco, sudeste do Piauí, oeste de Alagoas e Sergipe, região norte e central da Bahia, e uma faixa seguindo o rio São Francisco em Minas Gerais, juntamente com um enclave no vale seco do médio rio Jequitinhonha.

Essa região possui, segundo a classificação de Köppen, um clima do tipo BSh caracterizado por altas temperaturas com precipitação escassa e irregular (350–700 mm/ ano) concentradas praticamente em três a quatro meses durante o ano. A combinação desses fatores resulta em baixa disponibilidade hídrica para as plantas durante um período de 7 a 9 meses, conhecido como período seco (SAMPAIO, 1995). A caatinga é caracterizada por um clima com altas insolações, elevadas temperaturas, altas taxas de evapotranspiração, baixa umidade relativa, forte sazonalidade, distribuição irregular de chuvas restringindo-se de três a quatro meses do ano e com a ocorrência de chuvas erráticas (REIS, 1976; ARAÚJO et al., 2007).

Este ecossistema apresenta um histórico de uso inadequado de suas terras, com a transformação de matas nativas em campos agricultáveis, em extensas áreas para a pecuária, entre outros usos (ARAÚJO, 2009).

Na atualidade, estima-se que cerca de 45% do total de área de caatinga da região nordeste sofreu pressão antrópica. Segundo Drumond et al. (2000), a caatinga apresenta cerca de 15% de áreas já desertificadas. Mesmo levando em consideração a sua extensão que é a terceira maior do Brasil, os percentuais de áreas de caatinga alteradas pelo homem ultrapassam os valores registrados em todos os outros domínios.

Rodal (1992) menciona que mesmo com a existência de alguns trabalhos fitossociológicos da vegetação, ainda falta muito para o conhecimento da Caatinga como um todo, havendo necessidade de se continuar, em áreas localizadas, o levantamento das espécies, determinando seus padrões de distribuição geográfica, abundância e relação com os fatores ambientais, para que se possa estabelecer, com base em dados quantitativos, os diferentes tipos e suas conexões florísticas.

2.2 Levantamentos florístico

Martins (1990) destaca que um dos estudos iniciais para o conhecimento da flora de determinada área é o levantamento florístico, produzindo uma lista das espécies ali instaladas, sendo de fundamental importância a correta identificação taxonômica dos espécimes e a manutenção de exsicatas em herbário, que poderão contribuir para o estudo dos demais atributos da comunidade.

Dentre os diversos componentes que formam o ambiente natural, a vegetação pode ser considerada como um bom indicador, não só das condições do meio ambiente como também do estado de conservação dos próprios ecossistemas envolvidos (DIAS, 2005).

Sendo assim, estudos que identifiquem os padrões de diversidade biológica e o impacto da ação antrópica sobre a vegetação são fundamentais, para se planejar o manejo racional dos diversos produtos florestais, permitindo ainda, a seleção de áreas prioritárias que devem ser utilizadas para conservação (AGRONLINE, 2007).

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Caracterização da área de estudo

O trabalho foi desenvolvido em área da Fazenda Diniz, localizada no município de Serra Negra do Norte-RN, o qual tem como limites os seguintes municípios: Timbaúba dos Batista, Jardim de Piranhas e Caicó.

3.2 Coleta de dados

Inicialmente, foi feita uma pesquisa em loco para avaliar o uso da vegetação e áreas de cultivo, para em seguida serem selecionados os ambientes objetos do estudo.

As unidades amostrais foram constituídas de parcelas permanentes medindo 10 m x 20 m, sendo 12 parcelas nas áreas de preservação e outras 12 nas áreas raleadas e rebaixadas (para o uso de criação de animais) distribuídas aleatoriamente.

Todos os indivíduos arbustivos e arbóreos presentes nas parcelas com circunferência à altura da base (CAB) maior ou igual a 12 cm, que foram consideradas adultas, foram identificados e etiquetados conforme LEITE e TIRBUTINO (1999), tomando-se também dados referentes à altura do caule e altura total da árvore. O CAB foi medido ao nível do solo conforme recomendação de (Rodal et. al., 1992).

Como altura do caule considerou-se a distância do colo da planta até a inserção da primeira ramificação ou bifurcação, e a altura total a distância entre o colo e a extremidade apical da planta (LEITE e TIRBUTINO, 1999).

Para a medida do (CAB) utilizou-se fita métrica e para medidas de altura da árvore e altura do caule, três canos de PVC, que conectados somavam 9 m, com graduações de 10 cm. As etiquetas de identificação das plantas foram chapas de alumínio (3 cm x 3 cm), confeccionadas a partir de latas de refrigerantes.

As etiquetas foram numeradas com lápis marcador conforme o seguinte modelo (A1 = identificação do ambiente; P1 = identificação da parcela; N1 = identificação da planta):

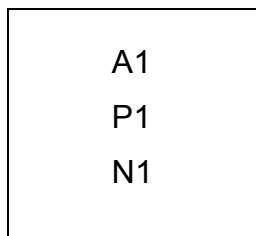


Figura 1. Amostras de cada espécie coletadas e herborizadas para fins de identificação, e comparadas com o acervo do Herbário da ESAM (UAGRA, 2011).

Os cálculos foram efetuados com o auxílio do software MS Excel. Para os táxons amostrados (espécies e famílias) calculam-se os seguintes parâmetros fitossociológicos: densidade; frequência, dominância, índices de valor de importância e índice de valor de cobertura, conforme RODAL et. al., (1992).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise Florística dos Ambientes Estudados

4.1.1 Número de Indivíduos Amostrados

A Tabela 1 apresenta um resumo dos dados coletados.

Tabela 1. Número de plantas amostradas (UAGRA, 2011).

Ambientes	Nº de parcelas	Área total amostrada	Nº de plantas encontradas	Nº plantas por hectare
I	12	0,24	312	1300
II	12	0,24	127	530

Ambiente I (área antropizada); Ambiente II (área não antropizada)

O Ambiente I refere-se às áreas de caatinga mais antropizadas que maior número de indivíduos. O ambiente II refere-se à área de caatinga em estado de conservação e apresentou menor número de indivíduos pertencentes às categorias arbórea e arbustiva. Possivelmente o ambiente I apresentou um maior número de indivíduos por ser uma área, que segundo informações dos moradores, é destinada à pecuária possuindo criação de caprinos e ovinos. Possivelmente esses animais se alimentaram de espécies como a algaroba (*Prosopis Juliflora*), oiticica (*Couepia grandiflora*) e através de suas fezes disseminaram as sementes. Já o ambiente II apresentou um menor número de indivíduos provavelmente devido a presença de plantas selvagens como a algaroba (*Prosopis Juliflora*), que para o seu crescimento inibem o desenvolvimento de outras espécies.

4.1.2 N° de famílias e Espécies Estudadas

A Tabela 2 a seguir apresenta a distribuição das famílias das espécies botânicas identificadas nos dois ambientes estudados. Observa-se que a caatinga

conservada (Ambiente II) apresenta maior diversidade do que a Caatinga degradada (Ambiente I), uma vez que na área antropizada foram amostradas cinco famílias e seis espécies botânicas, enquanto que no Ambiente II (não antropizada), foram encontradas dez famílias e quatorze espécies. Resultados semelhantes foram obtidos por Lira (2003) e Batista (2003) avaliando o número de famílias e espécies estudadas.

Tabela 2. Número de Famílias e espécies estudadas (UAGRA, 2011).

	Ambiente I	Ambiente II	Ambiente I + II
Famílias	5	10	11
Espécies	6	14	15

4.1.3 Famílias levantadas nos ambientes estudados

Na Tabela 3, observa-se que as famílias *Mimosoideae* e *Apocynaceae* apresentam-se em maior número no ambiente I (antropizado), sendo representadas com 236 e 38 plantas encontradas, respectivamente. Já no ambiente II (conservado) as famílias *Mimosoideae* e *Caesalpinioideae*, apresentam em maior número no ambiente com representação de 47 e 25 plantas encontradas, respectivamente.

Verifica-se que há uma predominância nos dois ambientes da família *Mimosoideae* em maior porcentagem correspondendo a 75,64% (ambiente I) e 37% (ambiente II), sendo essa predominância também verificada por (Batista, 2003) fazendo o levantamento das famílias.

Tabela 3. Famílias e respectivas frequências de plantas encontradas em dois ambientes na Fazenda Soares de Messias Targino divisa RN/PB. Messias Targino - RN, 2007 (UAGRA, 2011).

Famílias	Ambiente I		Ambiente II		Ambiente I + II	
	Nº de plantas	%	Nº de plantas	%	Nº de plantas	%
<i>L. Mimosoideae</i>	236	75,64	47	37,00	283	64,46
<i>L. Fabaceae</i>	0	0	30	23,62	30	6,83
<i>Apocynaceae</i>	38	12,18	2	1,57	40	9,11
<i>Euphorbiaceae</i>	1	0,32	4	3,15	5	1,14
<i>Combretaceae</i>	7	2,24	0	0,00	7	1,60
<i>L. Caesalpinioideae</i>	30	9,62	25	20,00	55	12,53
<i>Rhamnaceae</i>	0	0	12	9,45	12	2,73
<i>Capparaceae</i>	0	0	1	0,78	1	0,23
<u>Bignoniaceae</u>	0	0	2	1,57	2	0,46
<i>Chrysobalanaceae</i>	0	0	3	2,37	3	0,68
<i>Arecaceae</i>	0	0	1	0,78	1	0,23
Total	312	100	127	100	439	100

4.1.4 Espécies levantadas no trabalho

A Tabela 4 apresenta a relação das espécies identificadas, bem como o número de indivíduos adultos pertencentes a cada uma delas.

Tabela 4. Relação das espécies encontradas, frequências de plantas nos dois ambientes estudados¹ e o número de parcelas em que os mesmos ocorrem: Messias Targino - RN, 2007 (UAGRA, 2011).

Nome científico	Nome vulgar	Nº de plantas/ambiente			IAT (%)	NPC
		I	II	I + II		
<i>Mimosa acutistipula Benth</i>		163	46	209	47,60	22
<i>Pithecellobium foliolosum Bent</i>		73	1	74	16,86	13
<i>Anadenanthera colubrina (Vell.) Brena</i>	Angico	0	26	26	5,92	10
<i>Zizyphus joazeiro</i>	Juazeiro	0	12	12	2,73	5
<i>Jatropha mollissima (Pohl) Bail</i>	Pinhão	1	4	5	1,14	3
<i>Prosopis Juliflora</i>	Algaroba	0	14	14	3,19	3
<i>Caesalpinia ferrea Mart</i>	Jucá	0	2	2	0,46	1
<i>Aspidosperma pyriforme Mar</i>	Pereiro	38	2	40	9,11	14
<i>Copernicia cerifer</i>	Carnaúba	0	1	1	0,23	1
<i>Crataeva tapia</i>	Trapiá	0	1	1	0,23	1

<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl	Pau d'arco	0	2	2	0,46	2
<i>Couepia grandiflora</i>	Oiticica	0	3	3	0,68	3
<i>Geoffroea spinosa</i>	Marizeiro	0	4	4	0,91	3
<i>Combretum leprosum</i> Mart	Mofumbo	7	0	7	1,59	6
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tui.	Catingueira	30	9	39	8,89	12
TOTAL		15	312	127	439	24

IAT = Porcentagem de indivíduos considerando I + II; NPC = número de parcelas em que foi registrada a ocorrência da espécie.

Observa-se que na área não antropizada (ambiente II), apresentou uma maior diversidade de indivíduos arbustivo-arbórea quando comparada a área antropizada (ambiente I). A área conservada apresentou 14 espécies, com maior destaque para *Mimosa acutistipula* Benth (46 ind), *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brena (26 ind.) e *Prosopis Juliflora* (14 ind.).

Percebe-se também que na área conservada (ambiente II) há presença de espécies nativas que não há na área antropizada (ambiente I) como: angico (*Anadenantheracolubrina* (Vell.)Brena), juazeiro(*Zizyphus joazeiro*), Jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart),Carnaúba (*Copernicia cerifer*),Trapiá (*Crataeva tapia*),Pau d'arco (*Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.Standl), Oiticica (*Couepia grandiflora*), Marizeiro (*Geoffroea spinosa*) com exceção da algaroba (*Prosopis juliflora*) que não é nativa.

5 CONCLUSÃO

- A área conservada (ambiente II) apresentou uma maior diversidade tanto em número de famílias quanto em número de espécies identificadas.
- A família *Mimosoideae* foi a mais representativa nos dois ambientes com 64,46%.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRONLINE. **Caatinga**: Patrimônio Brasileiro Ameaçado. Disponível em <<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=81&pg=2&n=2>> Acesso em: 12 de novembro 2007.

ALCOFORADO-FILHO, F. G.; SAMPAIO, E. V. de S. B.; RODAL, M.J.N. Florística e Fitossociologia de um remanescente de vegetação caducifolia espinhosa arbórea em Caruaru, Pernambuco. **Acta Botânica Brasílica**. v.17, n.2, p.287-303. 2003.

ANDRADE, L.A.; PEREIRA, I. M.; LEITE, U.T.; BARBOSA, M.R.V. Análise da cobertura de duas fisionomias de caatinga, com diferentes históricos de uso, no município de São João do Cariri, Estado da Paraíba. **Cerne**, Lavras, v.11, n.3, p.253 – 262, jul./set. 2005.

ANDRADE-LIMA, D. The caatingas dominium. **Revista Brasileira de Botânica**, São Paulo, v. 4, p. 149-153, 1981.

ARAÚJO, E.L.; ALBUQUERQUE, U.P.; CASTRO, C.C. Dynamics of Brazilian caatinga - a review concerning the plants, environment and people. **Functional Ecosystems and Communities**, United Kingdom, v.1, p. 15-29. 2007.

ARAÚJO, G.M.; **Matas ciliares da caatinga: florística, processo de germinação e sua importância na restauração de áreas degradadas**. Dissertação (mestrado em botânica). Universidade Federal Rural de Pernambuco. 68 f, 2009.

BATISTA, C. H. F. **Levantamento florístico e fitosociológico do estrato arbustivo – arbóreo de dois ambientes na Vila Santa Catarina, Serra do Mel-Rn (Brasil)**. 2003. 26 p. (Monografia). Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM, 2003.

CASTELLETTI, C.H.M.; et al. Quanto ainda resta da caatinga? Uma estimativa preliminar. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife, Ed. Universitária da UFPE. 2003. p.719- 734.

DIAS, A. C. **Composição florística, fitossociologia, diversidade de espécies arbóreas e comparação de métodos de amostragem na floresta ombrófila densa do parque estadual Carlos Botelho/SP-Brasil**. 2005. 178 p. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais) - Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2005.

DRUMOND, M. A.; KILL, L. H. P.; LIMA, P. C. F. **Avaliação e identificação de ações prioritárias, para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade do bioma caatinga: estratégias para o uso sustentável da biodiversidade da caatinga**. Petrolina, 23p., 2000.

FREIRE, A. R. S. *et al.* Fenologia de quatro espécies arbóreo-arbustivas da Caatinga do RN. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 6., 2003, Fortaleza. **Anais...** 2003. v. 1, cap. II.

IBGE. *Mapa de Biomas e de Vegetação*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 29/08/2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 11 set. 2010.

JUNCÁ, F.A.; FUNCH L.; WASHINGTON, R. **Biodiversidade e Conservação da Chapada Diamantina**, Ministério do Meio Ambiente, 411 p. 2005.

LIRA, R. B. **Composição florística e análise fitossociológica do componente arbustivo – arbóreo na Floresta Nacional de Açu – “FLONA” No município de Assú – RN**. 2003. 29f. (Monografia). Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM, 2003.

MARTINS, F. R. **Atributos de comunidades vegetais**. Quid Teresina, v. 9, p. 12-17, 1990.

PRADO, D.E. As caatingas da América do Sul. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (Eds.) **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Editora Universitária da UFPE. p.3-74. 2003.

PEREIRA, I. M. **Levantamento Florístico do Estrato Arbustivo-Arbóreo e Análise da Estrutura Fitossociológica de Ecossistema de Caatinga sob Diferentes Níveis de Antropismo**. Areia-PB, UFPB. (Dissertação de mestrado). 70p. 2000.

PUCHALSKI, A.; MANTOVANI, M.; REIS, M.S. Variação em populações naturais de *Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Kuntze associada a condições edafoclimáticas. **Scientia Forestalis**, v.70, p.137-48, 2006.

REIS, A. C. S. **Clima da caatinga**. *Annais Academia Brasileira de Ciências*, v.48, n. 2, p. 325-335. 1976.

RODAL, M.J.N.; SAMPAIO, E.V.S.B.; FIGUEIREDO, M.A. **Manual sobre métodos florísticos e fitossociológicos**. Brasília: Sociedade Botânica do Brasil, 24p. 1992.

SAMPAIO, E. V. S. B. Overview of the Brazilian Caatinga. In: BULLOCK, S. H.; MOONEY, H. A.; MEDINA, E. (Eds.). **Seasonally dry tropical forests**. Cambridge, Cambridge University Press, p.35-63,1995.

SANTANA, J.A.S. **Estrutura fitossociológica, produção de serapilheira e ciclagem de nutrientes em uma área de Caatinga no Seridó do Rio Grande do Norte**. UFPB/CCA Areia, Tese (Doutorado em Agronomia). Universidade Federal da Paraíba. 184 p. 2005.

ANEXO





Figura 2. Vista Parcial da flora arbórea arbustiva do município de Serra Negra do Norte - RN (UAGRA, 2011).